
Realidade Crônica: estímulo educomunicativo para ampliar a leitura de mundo de estudantes da rede municipal de Álvares Machado (SP)¹

Marco Vinicius Trindade ROPELLI²
Thaís Sallum BACCO³

Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), Presidente Prudente, SP

RESUMO

O presente estudo é fruto de um projeto de intervenção que propõe, a partir da prática da crônica jornalística e fotografia, a ampliação da capacidade de leitura de mundo de alunos do 8º ano da rede municipal de ensino de Álvares Machado (SP). Para isso, foi realizada a oficina Realidade Crônica, que em seis encontros presenciais levou conteúdos e práticas do jornalismo opinativo aos participantes por meio da criação de um ecossistema educomunicativo. Os resultados da oficina estão disponíveis no e-book “Crônicas Machadenses: uma pequena cidade e seus grandes detalhes”.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e Educação; Educomunicação; Jornalismo opinativo; Crônica; Fotografia.

Introdução

A crônica e a fotografia têm algo em comum, por mais que a análise empírica dos textos verbais e não verbais coloque dúvidas sobre essa afirmação. Neste caso, é bom deixar de lado as amarras do formato e prender-se, de vez, no conteúdo resultante da interpretação dos signos, sejam eles quais forem.

Enquanto gênero jornalístico opinativo e literário, a crônica cumpre bem a função de, por meio do relato das histórias corriqueiras do cotidiano, e as respectivas reflexões, expor criticamente a realidade.

A fotografia não fica atrás quando a discussão é a exposição do real. Tanto quanto na crônica, o olhar do autor, no caso, do fotógrafo, é decisivo ao propor um recorte intencional da realidade, portanto subjetivo, e, porque não dizer, opinativo.

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Escola de Comunicação e Estratégias Digitais-Unoeste, email: marco.rop.mv@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Escola de Comunicação e Estratégias Digitais-Unoeste, email: thaisa@unoeste.br.

A intersecção de ambos, portanto, é aquilo para que se destinam, é o objetivo para o qual existem. A conclusão não difere muito da interface da Comunicação e Educação, cujo objetivo comum é a transformação de sujeitos que, por suas vezes, transformam a sociedade. A transformação de pessoas é, pois, a relevância social do presente projeto de intervenção educacional.

Para isso, foi aplicada a estudantes do Ensino Fundamental II da rede pública da cidade de Álvares Machado (SP) a oficina Realidade Crônica, cujo objetivo geral era o de despertar os alunos para a leitura crítica da realidade que estão inseridos, a partir do exercício da observação e da opinião, o que por conseguinte os levaria a desenvolver as habilidades e competências para a produção de crônicas jornalísticas; compreender a diferença entre notícia e opinião e usar a potencialidade do celular para a produção de fotografias de qualidade

Nesta oficina, foi desenvolvido o diálogo sobre a crônica jornalística e a fotografia dotada de intencionalidade. Os participantes tiveram, também, a oportunidade de produzir os textos verbais e não verbais que compuseram, ao fim da oficina, um e-book compartilhado com a comunidade escolar e machadense.

Considera-se relevante a prática educacional vivenciada, pois, ao discutir jornalismo de opinião em gêneros tão diversos (palavras e imagens), foi possível oferecer tal repertório para a rede pública de ensino, contemplando competências e habilidades previstas na legislação educacional.

Enfim, pode-se enfatizar a realização pessoal do autor do projeto em ter a oportunidade de colaborar com a formação cidadã e intelectual de jovens, e dar voz e vez a um grupo pouco e raramente ouvido.

Educomunicação

No livro “Dicionário de Comunicação” de Barbosa e Rabaça (1998), o verbete que define essa ciência social é longo, isso por consequência da complexidade que a Comunicação representa e das diversas formas de defini-la e elaborá-la entre os autores.

Este artigo, no entanto, caminhará pela contramão da complexidade e adotará o mais simples conceito que se dá: “A palavra Comunicação deriva do latim *communicare* cujo significado seria ‘tornar comum’, ‘partilhar’, ‘repartir’, ‘associar’, ‘trocar opiniões’, ‘conferenciar’.” (BARBOSA; RABAÇA, 1998, p. 151, grifo dos autores)

No trecho transcrito, a enunciação etimológica da Comunicação aproxima-se muito da prática educativa à luz da educomunicação, tendo em vista que a aplicação dessa teoria contribui, conforme Soares (2011), para o reconhecimento da legitimidade do diálogo (comunicação plurilateral) como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência.

Bacco (2018, p. 40) descreve bem a necessidade de ampliar essas experiências em ambiente escolar:

Entendo que estudar sobre a mídia, produzir mídia e trabalhar com mídia, ou seja, dominar os meios de comunicação como potenciais ferramentas pedagógicas, pode favorecer a finalidade educativa de promover o sujeito a um ser político e atuante, um cidadão, de fato.

Está posto, por conseguinte, o objetivo da interface entre Comunicação e Educação: transformar sujeitos, isto por meio do papel fundamental que as áreas desempenham na formação do pensamento humano. (BACCO, 2018)

Se até agora bastava a compreensão da importância da legitimação do diálogo como método de ensino, agora saber disso não é mais suficiente. Deve-se, então, entender de que forma é possível atingir esse “ecossistema comunicativo” satisfatório, que garanta, além de uma convivência saudável, relacionamentos efetivos. (SOARES, 2011)

A princípio, é necessária a compreensão do termo “ecossistema comunicativo”. Soares (2011, p. 44) propõe uma analogia que associa os sistemas geofísicos-biológicos com o meio social: “[...] existem sistemas áridos e fechados de interconexões, tanto quanto sistemas ricos e intensos de expressão vital.”

Nota-se, portanto, que este conceito se refere “[...] ao entorno que nos envolve”, formado pela diversidade de linguagens e saberes que circulam na mídia em convergência. (MARTÍN-BARBERO apud SOARES, 2011, p. 43)

A educomunicação existe para que seja criado, nos ambientes educativos, um “ecossistema comunicativo” que permita o diálogo efetivo e construtivo entre seus sujeitos, conforme explica Soares (2011, p. 45):

Um ambiente escolar educomunicativo caracteriza-se, justamente, pela opção de seus construtores pela abertura à participação, garantindo não apenas a boa convivência entre as pessoas (direção-docentes-estudantes), mas, simultaneamente, um efetivo diálogo sobre as práticas educativas (interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pedagogia de projetos), elementos que formam a “pedagogia da comunicação”.

O termo educomunicação, de acordo com Bacco (2018), foi ressemantizado pelo professor Doutor Ismar de Oliveira Soares, do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NCE/ECA/USP), em 1999, depois de uma pesquisa que envolveu 12 países da América Latina, Espanha, Israel, França e Itália; e mais de 170 pesquisadores.

A partir dessa investigação, a educomunicação foi definida como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos comunicativos, assim como de programas e produtos com intencionalidade educativa, destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos abertos, criativos sob a perspectiva da gestão compartilhada e democrática dos recursos de informação. (SOARES apud BACCO, 2018, p. 50)

As portas de entrada ao universo das práticas educomunicativas são definidas por Soares (2011) como áreas de intervenção. Existem seis, que são: educação para comunicação; expressão comunicativa através das artes; mediação tecnológica nos espaços educativos; pedagogia da comunicação; gestão da comunicação nos espaços educativos e reflexão epistemológica.

Dessas todas, entretanto, interessa a este projeto de intervenção apenas a segunda: a expressão comunicativa através das artes, definida pelo mesmo autor (2011) como um meio de comunicação acessível a todos. “Esta área aproxima-se das práticas identificadas com a Arte-Educação, sempre que primordialmente voltadas para o potencial comunicativo da expressão artística, concebida como uma construção coletiva, mas como performance individual”. (SOARES 2011, p. 47)

No caso deste trabalho, a prática educomunicativa se dá por meio da crônica jornalística, que não deixa de pertencer à arte literária, e da fotografia, que dotada de intencionalidade e subjetividade, é arte visual.

Crônica jornalística

Ao discorrer acerca dos gêneros jornalísticos, Assis e Melo (2016) apontam cinco e descrevem de forma sucinta as suas funções: informativo (vigilância social), opinativo (fórum de ideias), interpretativo (papel educativo, esclarecedor), diversional (distração, lazer) e utilitário (auxílio nas tomadas de decisões do dia a dia).

Apesar de apresentada e defendida por diversos teóricos, não é de hoje que a crítica a esta divisão do Jornalismo aparece. O professor Doutor Manuel Carlos Chaparro (2003), à época aposentado do Departamento de Jornalismo e Editoração, ECA-USP, afirmou no artigo “Opinião X Informação, uma fraude teórica?” que, mesmo nos textos ligados ao gênero informativo (como notícias, notas e reportagens), é impossível negar a existência da subjetividade e da interferência da opinião do jornalista, que “exercita uma capacidade própria, sofisticada, de pensar e fazer escolhas”.

No mesmo artigo, Chaparro (2003) propõe a contrapartida: o fato de que as opiniões existentes em editoriais, comentários, artigos, resenhas, colunas, caricaturas, cartas e crônicas ou seja, em textos jornalísticos do gênero opinativo (ASSIS; MELO, 2016), de nada valeriam se não estivessem embasadas nos fatos e na precisão das informações.

Dos formatos de texto citados no parágrafo anterior, interessa especialmente, para esse estudo, a crônica jornalística. Conforme o crítico literário Antonio Candido (1992), a crônica é vista, de certo modo, como um gênero literário “menor”, coisa que o autor (1992, p.13) comemora:

“Graças a Deus”, - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para vida, que ela serve de perto, mas para a literatura... Por meio dos assuntos da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.

Candido (1992) ainda destaca diversas características presentes nas crônicas brasileiras: linguagem leve e descompromissada, afastamento da lógica argumentativa e aproximação com a poesia, temáticas ligadas ao dia-a-dia, toque humorístico, humanização (por meios do temas tratados e da aproximação entre autor e leitor devido às experiências cotidianas, por vezes, compartilhadas), e efemeridade.

A maior parte desses predicativos derivam do mais importante deles, o fato da crônica ser um texto de jornal e, assim como a notícia, ter “validade” curta.

Candido (1992) ressalta que a crônica se popularizou no Brasil há cerca de 200 anos, quando os jornais impressos se tornaram cotidianos, de tiragem grande e, de certo modo, acessíveis. Antes delas, vieram os folhetins, no rodapé das páginas, já tratando de assuntos como política, sociedade, artes, literatura e afins.

A crônica jornalística moderna, por sua vez, ao lado de outros textos que expressam a opinião do autor ou do veículo de imprensa, atende aos leitores com interesse em opiniões setorializadas.

A preferência do leitor pelas opiniões individuais, sua escassez de tempo para ler todas as matérias publicadas, levando-o a procurar aquelas seções que dissessem respeito aos seus interesses profissionais ou respondessem aos reclamos imediatos do seu espírito, juntamente com a variedade de temas que exigia pessoal habilitado em cada setor da atividade humana para atender a demanda da audiência foram motivos predominantes, econômica e socialmente falando, do retorno dos cronistas ao jornalismo. (BELTRÃO, 1980, p. 67).

Beltrão (1980) descreve com detalhes o processo de produção das crônicas jornalísticas. Convém destacar que, a princípio, o jornalista cronista deverá dominar a completude do tema sobre o qual escreverá. Este, por sua vez, deverá ser algo do cotidiano do autor que tenha tocado com força sua sensibilidade.

Em seguida, Beltrão (1980) enfatiza a importância de selecionar dados sobre o tema (algo que aproxima bastante a prática do cronista à apuração de informações noticiosas). Com essa seleção, o jornalista será capaz de compreender o que há de interesse público naquele fato.

O último procedimento é a escrita do texto: momento em que o cronista introduz, argumenta e conclui o tema. Na introdução, o foco é o aspecto noticioso da crônica, as respostas às perguntas do lead jornalístico (que, quem, quando, como, onde e por que). Na argumentação, com liberdades criativas, o autor opina sobre o tema munido de

citações, alusões históricas, máximas, provérbios, metáforas, alegorias, paradoxos, humor e trocadilhos. (BELTRÃO, 1980).

Enfim, na conclusão, o cronista “[...] torna a emitir seu juízo sobre o tema, [...]. O leitor conhece o sujeito e predicado da proposição e está capacitado a aceitar a solução, o rumo indicado pelo jornalista”. (BELTRÃO, 1980, p. 70).

Beltrão (1980) traz, ainda, aquilo para o que se destina essa produção textual. Afirma que uma crônica só terá atingido sua finalidade se os efeitos da leitura dela sedimentarem opiniões e incitarem a ação comunitária.

Fotografia e intencionalidade

Outra forma que um jornalista tem de expressar sua subjetividade é através da fotografia. Na aproximação que o termo tem com a opinião, a subjetividade se faz presente por meio das escolhas do profissional fotógrafo. Dessa forma, cada leitor que tiver acesso fará, da fotografia, uma interpretação.

Qualquer linguagem utiliza signos e possui regras de combinações desses signos. Toda e qualquer linguagem representa uma estrutura e essa estrutura possui sua própria hierarquia. Logo, a fotografia proporciona uma leitura, apresenta um novo ou um outro olhar sobre algo. Qualquer pessoa, de qualquer lugar do mundo, conhecedora de qualquer idioma, letrada formalmente ou não, desde que dotada do sentido da visão, extrairá sempre de uma imagem alguma mensagem. (CASTRO; RODRIGUES, 2008, p. 2)

Essa mensagem, entretanto, não é fruto, somente, da interpretação do leitor, mas da intenção do fotógrafo que faz, por sua vez, uso das técnicas da linguagem fotográfica para, de certa forma, manifestar suas opiniões.

Esta complexidade é descrita por Boni (2000, p.110, apud RODELLA, 2009, p.11):

Utilizamos os termos intenção e manifestação de forma separada, por entendermos que a manifestação é a forma do emissor exteriorizar sua intenção. A manifestação está presente em toda e qualquer fotografia. A fotografia é a forma de manifestação do fotógrafo. A intenção pode não estar, necessariamente, presente em toda e qualquer fotografia. Mas quando estiver, estará sendo exteriorizada através da manifestação. A manifestação é espontânea e pode, inclusive, ocorrer de forma inconsciente; a intenção é premeditada. A manifestação está atrelada ao repertório sócio-econômico e político-cultural do fotógrafo; a intenção, à vontade ou necessidade profissional de ter que comunicar algo a alguém, situação absolutamente comum no fotojornalismo.

Quando essas manifestações são intencionais, uma das formas mais usuais de transmiti-las é através da linguagem fotográfica, especialmente dos planos e ângulos de enquadramento. Conforme Gerbase (2012, p. 13), enquadrar é “determinar o modo como o espectador perceberá o mundo que está sendo criado [...]”. Fazer isso só é possível com o uso de planos, que determinam a distância entre a câmera e o objeto que está sendo fotografado, e de ângulos, ou seja, a posição da câmera em relação ao mesmo objeto.

O autor (2012) aponta diversos tipos de enquadramentos. Os que interessam a este artigo são o plano aberto (de ambientação, com objeto ocupando pequena parcela do cenário), médio (de movimentação, com o objeto e o cenário destacados no quadro), americano (pessoas enquadradas do joelho para cima), fechado (de intimidade, com destaque no objeto) e detalhe (com destaque em um parte do objeto).

Já sobre os ângulos, Gerbasse (2012) destaca o normal (nível dos olhos), plongée (de cima para baixo) e contra-plongée (de baixo para cima).

Todas as técnicas de enquadramentos apresentadas não se relacionam ao tipo de recurso material que o fotógrafo possui, mas ao olhar fotográfico, cheio da subjetividade do sujeito que fotografa e, portanto, intencional e, de certo modo, opinativo.

Assim, é possível concluir que, em sendo com uma câmera fotográfica profissional ou um celular, uma fotografia bem pensada consegue atingir sua finalidade de manifestar um ponto de vista.

Oficina Realidade Crônica

Todo o estudo teórico sobre jornalismo opinativo, fundamentalmente crônica e fotografia jornalísticas, serviu como conteúdo para elaboração e execução da oficina Realidade Crônica, projeto de intervenção educacional realizado durante o segundo

semestre de 2021 como conclusão da disciplina Comunicação e Educação, desenvolvida no curso Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Escola de Comunicação e Estratégias Digitais da Unoeste (Universidade do Oeste Paulista).

Para que o projeto atingisse os objetivos descritos na introdução deste artigo, foram aplicados métodos que guiassem as atividades.

Depois da negociação com a Divisão de Educação de Álvares Machado (SP) para aplicação da oficina de jornalismo opinativo na rede municipal de ensino, foi estabelecido contato direto com a professora de Língua Portuguesa, E. S. S. A docente levou a proposta da oficina a todas as turmas de 8º ano da Emeif Álvares Machado. Delas, sete estudantes, entre 13 e 14 anos de idade, ficaram interessados e se inscreveram para as atividades realizadas em contraturno escolar.

Com o grupo formado, cronograma devidamente acertado com a direção do colégio e escopo teórico organizado, o então graduando em Jornalismo, autor deste trabalho e responsável por ministrar a oficina, pôde preparar, com ao menos três dias de antecedência, o conteúdo que seria a base das discussões de cada um dos seis encontros com os jovens estudantes. As aulas foram preparadas com o auxílio de softwares tecnológicos, de modo que fossem dinâmicas e interativas.

Em princípio, esperava-se que a tecnologia fosse a ferramenta didática para a realização dos encontros e transmissão dos conteúdos. A realidade encontrada, porém, demonstrou que os alunos daquela escola municipal ou não tinham aparelho celular para interagir, ou não tinham internet para fazê-lo. A escola, mesmo possuindo rede Wi-fi, não a disponibiliza para os discentes.

Foram necessárias adaptações. Uso de impressões em papel e interatividade focada no diálogo interpessoal são exemplos. Apesar de utilizar os meios tradicionais, ou seja, um caminho diferente do planejado, a oficina chegou ao destino pretendido conforme descrito nos próximos parágrafos.

No primeiro encontro foi realizada a introdução sobre o jornalismo opinativo e o gênero crônica. No segundo encontro, o grupo de alunos aprendeu métodos de como escrever uma crônica jornalística e foram instigados a produzir a primeira versão dos textos opinativos, como tarefa de casa.

Figura 1 – Registro do primeiro encontro



No terceiro encontro, momento da entrega da primeira versão das crônicas, nem todos entregaram, o que resultou em uma conversa de orientação para sanar dúvidas e para explicar ao grupo a importância de seguir o planejamento da oficina para que todos pudessem evoluir enquanto cidadãos.

Neste mesmo encontro foi apresentado o conteúdo sobre a fotografia e sua intencionalidade e realizada prática fotográfica com os alunos nas dependências da escola. Para tal, foi utilizado o celular de cada um. O autor do projeto emprestou seu próprio celular para um estudante que não possuía o aparelho. Por fim, o grupo foi orientado a produzir uma fotografia que se relacionasse com sua crônica. Ficou combinado que o aluno que não possuía celular, faria com o aparelho da mãe.

Figuras 2 e 3 – Prática fotográfica nas dependências da escola



No quarto encontro, o graduando em Jornalismo devolveu as crônicas com correções e pediu que os alunos as entregassem corrigidas na próxima aula. Também recebeu as fotografias produzidas pelo grupo e a primeira versão das crônicas que estavam atrasadas. Nesta mesma ocasião, os estudantes, com auxílio do autor, definiram de que forma ocorreria a publicação dos materiais produzidos: decidiu-se pela organização de um e-book com crônicas e fotografias, chamado, após discussões, de “Crônicas Machadenses: uma pequena cidade e seus grandes detalhes”⁴, e a realização de uma exposição com fotos e QR Code para a acesso às crônicas na Emeif Álvares Machado (SP).

Com o recebimento da versão final das crônicas, no quinto encontro foi decidido o layout do e-book, que começou a ser montado. No último encontro, a montagem foi finalizada e os estudantes avaliaram a experiência que tiveram durante a oficina Realidade Crônica e em outro dia, durante o horário letivo, montaram, com auxílio do autor, a exposição.

Figura 4 – Alunos da oficina após montagem da exposição na escola



⁴ Acesse o e-book completo no link:

https://drive.google.com/file/d/1019eqisBxUOYz_6AHSnvw5y4lZ2R7Av8/view?usp=sharing

Durante este processo, em todos os seis encontros, as discussões sobre as grandes questões da realidade e atualidade foram adotadas como forma de suscitar a exposição das opiniões dos alunos e a busca pela verdade. As crônicas e fotografias, portanto, se configuraram como importantes meios para o despertar do grupo para a importância da opinião responsável e embasada na realidade

Essa participação constante e agregadora dos jovens estudantes foi possível graças à consolidação de um rico ecossistema comunicativo, constituído pouco a pouco com base no diálogo democrático e na participação “orgânica” dos alunos.

Resultados alcançados

O e-book “Crônicas Machadenses: uma pequena cidade e seus grandes detalhes”, resultado da oficina Realidade Crônica, tem 16 páginas e conta com sete crônicas jornalísticas e fotografias que apresentam a visão dos estudantes a respeito de particularidades da cidade onde vivem, Álvares Machado (SP).

O material foi divulgado por meio das redes sociais e da mostra Realidade Crônica, montada na Emeif Álvares Machado, com as fotografias dos estudantes e um QR Code que, ao ser acessado com a câmera de *smartphones*, direcionava o público ao e-book de crônicas.

A partir disso, é possível concluir que as produções de jornalismo opinativo atingiram centenas de pessoas da comunidade escolar, mas torna-se impossível precisar quantos indivíduos da comunidade machadense tiveram acesso aos materiais que circularam pelas redes sociais.

Mais relevante que isso, entretanto, é o fato de a oficina Realidade Crônica ter proporcionado aos estudantes o desenvolvimento da capacidade de leitura crítica da realidade a partir da observação e da opinião jornalísticas. Este resultado está evidenciado nos depoimentos dos alunos recolhidos pelo educador no último encontro da oficina.

O estudante A. G. P. S., em sua avaliação, afirmou: “O que nós aprendemos com a crônica e as fotos foi muito bom, porque nós podemos fazer mais pra frente e dentro da sala de aula também, por causa do português.”

Já E. Y. T. G. e M. P. M. S. destacaram a importância de aprender a “ler” a realidade. O primeiro disse: “Na produção da crônica, a gente aprendeu que tem que

prestar atenção no que está acontecendo em volta. uma simples coisa que aconteceu do seu lado, pode ser algo bem importante.” Já o segundo enfatizou que começou, a partir da oficina, a perceber detalhes no seu cotidiano que antes não dava importância.

I. B. M., falando sobre a importância da opinião, destacou que “quando sabemos a verdade, não precisa ter idade para opinar”. Sobre o assunto, K. S. P. revelou uma realidade estupefaciente: “eu acho que é a primeira vez que a gente teve a oportunidade de opinar. Como nós seremos os adultos do futuro, a gente tem que aprender desde cedo o que é certo e o que é errado, e quando a gente tem que opinar sobre isso”, pontuou.

“Também é legal porque eu posso dar minha opinião sem medo, porque as pessoas deram a opinião de cada um, mesmo sendo diferentes”, ressaltou S. C. R. L. Por fim, J. M. C. G., a partir da própria experiência, foi capaz de sintetizar o objetivo que era pretendido pelo projeto. Ele disse: “a oficina me ensinou a encarar o mundo diferente, criticando coisas boas e ruins para não deixar passar em branco as coisas que acontecem”.

Com essas considerações finais dos estudantes que participaram da oficina, o educador não vê outra coisa, senão, os objetivos pretendidos desde o início do projeto de intervenção serem atingidos, especialmente aqueles que se referem à importância da prática crítica e opinativa responsável.

Esta certeza é enfatizada pela professora E. S. S., que acompanhou o grupo do início ao fim do projeto. “O projeto com o gênero crônica foi excelente, pois os estudantes participaram com muita animação e o resultado foi incrível, tendo em vista que as produções são muito boas! Acrescentou demais à vida escolar, pois tiveram momentos incríveis durante os encontros!”, conclui.

Pode-se concluir, portanto, que os estudantes da rede municipal de ensino de Álvares Machado (SP), de fato, experienciaram durante a oficina algo a que não estavam acostumados: o diálogo constituído em meio a um rico ecossistema comunicativo. A prática da crônica jornalística e da fotografia dotada de intencionalidade, por conseguinte, é, no contexto desse estudo, um meio eficiente para proporcionar aos alunos aquilo que é a finalidade da oficina: dar voz e vez aos participantes e introduzi-los à leitura crítica da realidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, F. de; MELO, J. M. de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, p. 39-56, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/intercom/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 de out. de 2021.

BACCO, T. S. **Formação de professores para o uso da mídia na escola**. Curitiba: Appris, 2018.

BARBOSA, G.; RABAÇA, C. A. **Dicionário de comunicação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1980. Disponível em: <https://joropinativo.files.wordpress.com/2012/03/cronica-beltrao.pdf>. Acesso em 11 de out. de 2021.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do- chão. In: CANDIDO, A *et. al.* **Crônica: o gênero e sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992. p. 13-22. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5769902/mod_resource/content/1/CANDIDO%2C%20Antonio_A%20vida%20ao%20res-do-ch%C3%A3o.pdf. Acesso em 02 de jul. de 2022

CASTRO, S. R. R.; RODRIGUES, W. N. L. Reflexões sobre a fotografia: a intencionalidade no ato fotográfico. **Altercom: Jornada de Inovações Midiáticas e Alternativas Experimentais**. 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/r3-1203-2.pdf>. Acesso em 17 de out. de 2021.

CHAPARRO, M. C. Opinião x informação, uma fraude teórica?. **Mural Pj: Br**, 2003. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/manchetes_009.htm. Acesso em 16 de out. de 2021.

GERBASE, C. **Cinema: primeiro filme: descobrindo, fazendo, pensando**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2012. Disponível em: <https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/introducao/>. Acesso em 16 de out. de 2021.

RODELLA, C. A. A intencionalidade da Imagem fotográfica poética e da imagem fotográfica no Jornalismo. **II Encontro Nacional de Estudos da Imagem**. Londrina, 2009. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Rodella_Cibele%20Abdo.pdf. Acesso em 16 de out. de 2021.

SILVA, P. H. **Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15506/1/PHSilvaDISPRT.pdf>. Acesso em 10 de out. de 2021.

SOARES, I de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.